

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº635

De 26 de maio a
8 de junho de 2022

Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



PRIVATIZAÇÃO DA PETROBRAS ENRIQUECE BILIONÁRIOS ESTRANGEIROS E EMPOBRECE O BRASIL

PÁGINAS 8 E 9

É PRECISO REESTATIZAR A **PETROBRAS**

LUCRO DA
PETROBRAS

R\$ 106,0 BILHÕES

DIVIDENDO DOS
ACIONISTAS

R\$ 101,0 BILHÕES

SALÁRIO
MÍNIMO

R\$ 1212,0



POLÊMICA

A NECESSIDADE DE
AUTODEFESA POPULAR
E DO ARMAMENTO

PÁGINA 6 E 7

MOVIMENTO

NA LUTA CONTRA O FECHAMENTO,
METALÚRGICOS OCUPAM
FÁBRICA DA CAO A CHERY

PÁGINA 13

INTERNACIONAL

CHILE: GOVERNO BORIC DECRETA
ESTADO DE EMERGÊNCIA CONTRA
MAPUCHES E NÃO DEFENDE A
NACIONALIZAÇÃO DO COBRE

PÁGINA 12



CHARGE



“ Sempre aquele discurso fácil, salvar, ajudar, a gasolina vai voltar a R\$ 3. No mundo todo está R\$ 12, só aqui vai voltar a R\$ 3 ”



BOLSONARO, explicando que não vai diminuir o preço da gasolina. No entanto, seus apoiadores, confusos, aplaudiram o presidente achando que ele dizia que abaixaria o valor do combustíveis. Só que não.



HEROINA

Bolsonaro veta homenagem a Nise da Silveira

Jair Bolsonaro vetou a inscrição do nome da psiquiatra alagoana Nise da Silveira no “Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria”. A homenagem à médica, conhecida por revolucionar o tratamento de transtornos mentais, foi aprovado pelo Senado em 27 e abril. E sua justificativa para o veto, ele afirma que “não é possível avaliar a envergadura dos feitos da médica (...) de sua contribuição para a área da terapia ocupacional”. Mas quem foi Nise? A médica alagoana se formou médica em 1926 e se autodefinia como psiquiatra rebelde questionando, naquela época, os supostos progressos da psiquiatria: lobotomia, eletrochoque. A experiência na prisão foi mais



um incentivo para luta da doutora Nise: abrir espaço nos hospitais e nas mentes de outros profissionais para outras maneiras de tratar os transtornos psiquiátricos. Entre elas, a terapia por meio das artes. Nilsa foi presa pela ditadura Vargas por que era militante trotskista e também havia sido

expulsa do PCB. Sua pesquisa contou com a ajuda de seu velho camarada e amigo Mario Pedrosa, pioneiro do trotskismo no Brasil. O “Coração da Loucura”, filme de 2016 dirigido por Roberto Berliner é uma excelente cinebiografia da psiquiatra interpretada por Glória Pires.

BOQUINHA

Sobrinho de Bolsonaro empregado na diretoria do Senado

Léo Índio, sobrinho do presidente Jair Bolsonaro, foi transferido nesta quinta-feira (3) para a Diretoria-Geral do Senado, órgão ligado ao presidente da Casa, Davi Alcolumbre (DEM-AP). Até outubro, ele trabalhava no gabinete do senador Chico Rodrigues (DEM-RR), flagrado com dinheiro na cueca em uma operação da Polícia Federal. Léo Índio, por sua vez, foi transferido para a Primeira-Secretaria, co-



mandada pelo senador Sérgio Petecão (PSD-AC). Na nova lotação, a remuneração do sobrinho do presidente seguirá a mesma: R\$

21,4 mil. O ato é assinado pela diretora-geral, Ilana Trombka, responsável pela gestão administrativa do Senado Federal.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Contra Bolsonaro, a via da conciliação de classes é beco sem saída

Enquanto fechávamos esta edição, o governo Bolsonaro anunciava mais uma troca no comando da Petrobras. É a quarta neste governo, apenas 40 dias depois da última mudança. O nome da vez é o de Caio Mário Paes de Andrade, assessor direto do ministro Paulo Guedes.

Diante da disparada nos preços dos combustíveis e do gás, o governo tenta segurar momentaneamente a alta num ano eleitoral. A verdade é que o troca-troca na Petrobras não muda a escalada nos preços, justamente porque não mexe no seu principal causador: a privatização acelerada da Petrobras, que impõe a Paridade de Preço Internacional (PPI), que faz com que paguemos, em dólar, o combustível e o gás que são produzidos aqui, em reais. Enquanto também recebemos em reais um salário de fome.

Essa situação faz com que paguemos, com inflação, carstia e fome, o lucro dos grandes banqueiros e acionistas que detêm a maioria das ações da Petrobras na Bolsa de Nova York. Bolsonaro não quer mudar isso, ao contrário, quer privatizar de vez a Petrobras e entregar tudo diretamente aos banqueiros.

Mas não é só a Petrobras que o governo quer acabar. O documento “Projeto de Nação, o Brasil em 2035”, apresentado pelo Instituto Villas Bôas com o apoio do entorno militar de Bolsonaro, expõe com todas as letras o plano dessa gente. Além das privatizações, da entrega da Amazônia ao agrogênio e às grandes mineradoras, o projeto do governo é o de acabar com a saúde e a educação públicas e gratuitas.



Isso com autoritarismo e ditadura. Servilismo com o imperialismo e porrete para o povo.

BARBÁRIE E RETROCESSO

Não é preciso esperar 2035 para vermos o resultado do bolsonarismo. Neste dia 24 de maio, enquanto a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara votava um projeto de cobrança de mensalidades na universidade pública, no Rio de Janeiro, a polícia realizava mais uma chacina, desta vez na Vila Cruzeiro. Até o momento em que fechávamos esta edição, já eram 25 mortos confirmados, entre eles a cabeleireira Gabriele Ferreira da Cunha, de 41 anos, atingida pelas costas.

Eis o Brasil de Bolsonaro: barbárie, chacina e repressão para pobres e negros por um lado, fim da educação e da saúde públicas por outro. No meio disso, Guedes ainda quer acabar com o FGTS dos trabalhadores e isentar ainda mais os grandes empresários.

Os trabalhadores, porém, não estão assistindo a tudo isso de braços cruzados. Os operários da CSN de Congonhas e de Volta Redonda dão

um grande exemplo de mobilização. Na região de São José dos Campos, no Vale do Paraíba, os trabalhadores da Avibrás estão em luta contra o fechamento da fábrica e as demissões em massa, mesma situação dos operários da Caoa Chery, que ocuparam a fábrica enquanto fechávamos esta edição.

UNIFICAR AS LUTAS

Como apontou a reunião nacional da CSP-Conlutas, é preciso unificar as lutas que ocorrem pelo país. Unificar com as lutas dos sem-teto por Despejo Zero, as lutas dos indígenas contra o Marco Temporal e pela titulação das reservas, e também dos quilombolas, a luta do povo pobre contra o genocídio da juventude negra; dos sem-terra, da juventude, da educação e da saúde. Nesse processo, é preciso também avançar na organização da autodefesa da classe contra a ultradireita, a repressão e as ameaças às liberdades democráticas.

Juntamente, é necessário construir um projeto de independência de classe e socialista, que ataque os lucros

e propriedades dos grandes bilionários para garantir emprego, salário, direitos, terra, defesa do meio ambiente e soberania. Que reverta a entrega do país, reestatize todas as empresas privatizadas e exproprie as 100 maiores empresas. Uma alternativa que, enfim, acabe com a exploração e toda a opressão.

VOTO ÚTIL É FORTALECER UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

A alternativa representada por Lula e Alckmin não é uma solução aos trabalhadores, mas uma armadilha. Um projeto capitalista palatável a banqueiros, multinacionais e grandes empresários que não muda em profundidade a desigualdade que temos aqui há 500 anos. Tanto que não basta terem Alckmin como vice, chamaram para formular a proposta de política econômica Pérsio Arida e Lara Resende, formuladores do Plano Real no governo FHC.

Chamar voto em Lula e Alckmin no 1º turno não é um “voto útil” para derrotar Bolsonaro. Até porque não vamos derrotar a ultradireita e as ameaças autoritárias meramente

nem principalmente via eleições, em aliança com os mesmos bilionários para os quais Bolsonaro e Guedes governam. Um governo assim vai, invariavelmente, atacar os trabalhadores e acabar em frustração lá na frente, fortalecendo essa mesma ultradireita, que estará armada, organizada e pronta para voltar com mais força.

O PSTU atua nas eleições principalmente para disputar a consciência dos setores mais avançados da classe para uma estratégia socialista e revolucionária. Nas primeiras eleições que o PT participou, por exemplo, em 1982, em plena ditadura, não chamou “voto útil”. Pelo contrário, atuou para fortalecer o classismo. “Nosso objetivo não é apenas o de conquistar votos, mas é principalmente o de servirmos à organização política dos trabalhadores. Para o PT, as eleições são uma ferramenta para fazer avançar e crescer a mobilização e a organização do povo. Trabalhador vota em trabalhador. Ganhar as eleições é votar no PT”, dizia um panfleto do partido.

De lá para cá, o PT abandonou o classismo, adaptou-se ao regime, governou para os banqueiros e os patrões e agora oferece uma alternativa da burguesia nas eleições.

Um voto útil aos trabalhadores, à juventude e ao povo pobre é o que fortalece uma alternativa independente, socialista e revolucionária. Um projeto de destruição desse sistema que nos explora e oprime e de defesa de uma outra sociedade. É a favor desta alternativa que está a pré-candidatura de Vera, do Polo Socialista e Revolucionário e do PSTU.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3LOS6EB](https://bit.ly/3LOS6EB)

DESIGUALDADE

Morrer de frio não é natural

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

A onda de frio que atingiu os estados do Sul, Centro-Oeste e Sudeste na última semana surpreendeu e assustou muita gente. Afinal, em Cuiabá temperatura abaixo dos 10°C foi registrada. Dezenove de maio ficou marcado como o dia mais frio da história do Distrito Federal, com 1,4°C. Goiânia registrou 5°C, a temperatura mais baixa para o mês de maio desde que as medições começaram a ser feitas, nos anos 1960. E no Acre a temperatura mais baixa foi de 13,6°C, um verdadeiro frio polar para quem está habituado ao calor tropical amazônico. No Rio de Janeiro a temperatura chegou aos 11°C, e em São Paulo a sensação térmica ficou abaixo de zero em muitas partes da cidade.

Muito além dos feios bonecos de neve de Santa Catarina

e a enxurrada de memes nas redes sociais, o fato é que a onda de frio foi extremamente cruel com a população mais pobre, que é obrigada a viver em condições de extrema precariedade. Pelo menos dois moradores de rua morreram de frio na Grande São Paulo. E o pior de tudo é que o inverno nem começou, e provavelmente sofreremos com novas ondas de frio até julho.

UM FENÔMENO NATURAL?

A onda de frio foi provocada pelo deslocamento de uma massa de ar polar vinda do sul. Tal fenômeno estava acoplado à passagem de um ciclone extratropical, o que trouxe umidade e possibilitou a ocorrência de eventos como queda de neve.

O fenômeno em si não é algo novo e ocorre com bastante frequência. O que chamou a atenção, porém, foi a sua intensidade, incomum no outono. Segundo os meteorologistas, isso

ocorre devido ao fenômeno La Niña, uma anomalia climática, que acontece, em média, com um intervalo de dois a sete anos e provoca alterações significativas nos padrões de chuva e temperatura ao redor da Terra.

La Niña é um fenômeno oceânico-atmosférico caracterizado pelo resfriamento anormal das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial. Ninguém sabe ao certo o porquê desse resfriamento, mas o fenômeno provocou as fortes chuvas que ocorreram no início do ano no Sudeste do país. Também explica a forte onda de calor que se abate hoje na Índia.

A previsão era de que o La Niña perdesse a intensidade e terminasse em abril, mas não é o que está acontecendo. O fenômeno está com uma duração excepcional e mais intenso em décadas. O mais provável é que o La Niña se estenda ao longo do inverno, conforme divulgou em boletim a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA, na sigla em inglês). As chances são de 61%, segundo a agência norte-americana. O que significa mais frio intenso, agravando problemas sociais e até ameaçando cultivos agrícolas.



Moradia no interior de SC

Esse comportamento tem surpreendido os cientistas. Muitos não descartam a influência das mudanças climáticas, cujo um dos resultados é exatamente a intensificação de fenômenos climáticos extremos, como ondas de calor, de frio, chuvas torrenciais etc.. No entanto, apenas a rigorosa observação e a metódica análise científica poderão confirmar essa associação no futuro.

cas, cujo um dos resultados é exatamente a intensificação de fenômenos climáticos extremos, como ondas de calor, de frio, chuvas torrenciais etc.. No entanto, apenas a rigorosa observação e a metódica análise científica poderão confirmar essa associação no futuro.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3WIYCIL](https://bit.ly/3WIYCIL)

VULNERÁVEIS

O frio e a realidade social brasileira

Uma rigorosa onda de frio pode até ser considerada um “fenômeno natural”, ou seja, além do alcance do controle humano – embora, como salientamos, possa estar ligada às mudanças climáticas provocadas pelo capitalismo. Contudo, o que não é natural são pessoas morrendo de

frio nas ruas das grandes cidades. Isso está relacionado à realidade do país e sua profunda desigualdade social. Se uma seca intensa pode ser provocada por um fenômeno natural, ao ponto de afetar a produção de alimentos, a fome, por sua vez, é um fenômeno social,

relacionado à forma como uma sociedade produz seus meios de subsistência, aloca e distribui seus recursos, e sobre qual classe social se apropria do excedente produzido. Numa sociedade capitalista, onde uma pequena parte da sociedade se apropria da riqueza produzida pela maioria, as secas e a fome são uma grande oportunidade para alguns poucos venderem comida mais cara, pagar salários mais baixos, aprofundar a concentração agrária etc..

MORANDO NAS RUAS

A expectativa de frio extremo vai afetar um contingente de brasileiros que vivem em barracas nas avenidas, debaixo de marquises e viadutos, muitas vezes famílias inteiras com crianças.

Em 2020, antes da pandemia, mais de 220 mil brasileiros viviam em situação de rua em todo o país, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Mas é visível aos olhos de todos que esse número explodiu com a crise e a pandemia. Só na cidade de São Paulo esse crescimento foi de 31%.

MORADIAS PRECÁRIAS

Além desses, há outro contingente de brasileiros que vive em moradias precárias. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), antes da pandemia, havia 5,1 milhões de domicílios em situação precária no país, o que compreende um universo de pouco mais de 20 milhões de pessoas, a maioria formada por mulheres (60%). Obvia-

mente, esse número é hoje bem maior devido à crise social, com a explosão do desemprego, da inflação e da violência machista. São pessoas que não tiveram outra alternativa senão viver em favelas, barracões de madeira ou de lonas, com chão de terra batida que expõe seus moradores a temperaturas baixas e a doenças de inverno, tais como gripes, pneumonias e tuberculose, além da covid.

Toda essa população vai precisar de proteção imediata e medidas emergenciais para enfrentar o rigoroso inverno que se anuncia. É preciso exigir dos governos desde já! Sofrer ou morrer de frio não é algo natural. O frio só escancara ainda mais a nossa imensa desigualdade social.



BARBÁRIE

Segunda maior chacina policial no Rio de Janeiro deixa 25 mortos

JERÔNIMO CASTRO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

Pouco mais de um ano depois da chacina do Jacarezinho, mais um massacre em uma comunidade do Rio de Janeiro. Em um tiroteio que durou das 4 da manhã até às 16 horas, pelo menos 25 pessoas morreram, e um número ainda não determinado ficou ferida em uma das mais violentas operações policiais da história de um estado cheio de ações policiais violentas. Além dos mortos e feridos, 50 escolas ficaram sem funcionamento, bem como postos de saúde e o comércio local ficaram fechado.

UMA AÇÃO CRIMINOSA E QUE MATOU INOCENTES

Segundo a polícia, a operação era preparada há meses con-



tra uma facção criminosa que controla 58% do estado e que estaria operando na região. A Polícia Rodoviária Federal se envolveu na ação porque, segundo eles, a referida facção também estaria envolvida nos mui-

tos roubos de cargas que acontecem no estado.

A operação foi tão catastrófica que a própria declaração da PM diz que “não é possível considerar exitosa uma operação com resultado morte (sic) (...)”.

A questão, no entanto, é mais profunda, porque não se trata de não poder ser considerada “exitosa”, mas sim de um completo descalabro. A própria polícia reconhece que foi surpreendida pelo suposto poder de fogo e resistência que encontrou no local. Além disso, que teria tido dificuldade para se locomover, pois haveria barricadas de cimento nas ruas. A operação contou com carros e helicópteros blindados em uma região onde vivem mais de 200 mil pessoas.

CLAUDIO CASTRO E BOLSONARO COMEMORAM E JUSTIFICAM O MASSACRE

Claudio Castro justificou a ação da polícia amparado na lógica da guerra e do território a ser conquistado. O governador do Rio de Janeiro colocou a responsabilidade na violência per-

petrada nos mortos e na existência de criminosos na região.

Bolsonaro foi ainda mais longe e parabenizou os “guerreiros” pela operação. Ou seja, tripudiou sobre o cadáver de 25 pessoas mortas sem demonstrar, uma vez mais, o menor signo de reflexão diante de um desastre dessa magnitude.

A polícia declarou que todos os mortos seriam criminosos. (com exceção de Gabriela, morta dentro de casa). Acontece que, dos 18 nomes apresentados pela polícia, 12 não tem qualquer passagem policial. Ou seja, sequer eram procurados ou acusados pela polícia. Muito menos tinham sido condenados. Sem contar que não existe pena de morte no Brasil.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3STLLWW](https://bit.ly/3stllww)

JÁ BASTA!

Pelo fim das operações policiais nas comunidades



A operação policial feita na Vila Cruzeiro não combate o tráfico de drogas ou a criminalidade. São décadas de operações deste tipo que não reduzem um só índice de criminalidade, só aumenta o número de mortos.

O que mostra também que não é um acidente de percurso. É uma política consciente. Claudio Castro e Bolsonaro a fizeram por-

que sabem que fideliza um setor de sua base cada vez que fazem jorrar sangue.

Mas eles não são os únicos responsáveis por chacinas como essa. Essa tradição vem de longe. O sentimento de impunidade que reina, em especial entre os altos oficiais das polícias e Forças Armadas, vem do fato de que eles nunca foram punidos por seus crimes.

O Brasil é dominado por torturadores e assassinos desde sempre. Não ter acertado contas com nosso passado, seja da ditadura militar ou do papel nefasto dos capitães do mato na época da escravidão, projeta no nosso futuro horrores como esse, naturalizados e utilizados por essa elite, que finge repugnância quando são obrigados a ver os resultados de sua dominação.

HIPOCRISIA

Pelo fim da guerra às drogas

Ao mesmo tempo, essa máquina assassina se alimenta cotidianamente pela hipocrisia da guerra às drogas, cujo único resultado é alimentar uma cultura de militarização das comunidades.

É hipócrita porque, sequer se dá ao trabalho ób-

vio de buscar os verdadeiros chefes do tráfico. Um controle minimamente sério das grandes operações bancárias permitiria prender muito mais narcotraficantes em um dia que todas as operações policiais já feitas e por fazer no nos-

so país. Além, claro, de evidenciar quem são os que verdadeiramente lucram com o tráfico de drogas, e com os grandes negócios ilegais desse país.

Pior, as experiências feitas mundo afora mostram que a descriminalização das

drogas é mais barata e eficaz para resolver o suposto problema. Nos países onde houve descriminalização das drogas não houve aumento do consumo, nem de crimes relacionados ao consumo de drogas.

A chamada guerra às dro-

gas tem sido, na verdade, uma desculpa bastante esfarrapada para manter um aparato policial permanente, em ação contra os setores mais empobrecidos de nossa população, onde nem mesmo o parco “Estado de direito” vale.

POLÊMICA

Sobre a necessidade da autodefesa das massas e o armamento

EDUARDO ALMEIDA,
DE SÃO PAULO (SP)

É um fato conhecido que Bolsonaro se prepara para a possibilidade de perder as eleições e tentar um golpe militar. Se esse golpe será vitorioso ou não, dependerá da relação de forças concreta, caso aconteça.

No entanto, só a existência dessa intenção, preparada abertamente desde a presidência da República, com apoio aberto por parte de setores das Forças Armadas (FFAA), das polícias, de milícias armadas, deveria provocar uma séria discussão por parte do movimento de massas no Brasil.

No entanto, não é o que existe. As direções do PT e PSOL, assim como as centrais sindicais majoritárias, apostam simplesmente na vitória de Lula-Alckmin e nas instituições da democracia burguesa para “evitar o golpe”.

Hoje nos parece que a maioria da grande burguesia nacional, assim como os setores majoritários do imperialismo, não apoiam uma proposta de golpe militar, por ter assegurado através de qualquer uma das chapas majoritárias nas pesquisas (Bolsonaro ou Lula) a continuidade de seus planos econômicos. Mas isso não exclui que Bolsonaro tente o golpe, com consequências imprevisíveis.

Além disso, Bolsonaro expressa uma ultradireita que veio para ficar. Ganhe ou perca as eleições, tente ou não um golpe, a ultradireita está mais organizada que nunca na base e vai causar enfren-

tamentos no futuro.

Existem milícias (bandidos e policiais interligados), grupos neofascistas ou fascistas armados, policiais civis e militares, setores das Forças Armadas em número crescente no Brasil, assim como em boa parte do mundo. Existe uma polarização da luta de classes a nível internacional, e uma de suas manifestações é exatamente a presença crescente da ultradireita.

AMEAÇA CONTRA OS TRABALHADORES

A ameaça mais visível e imediata é a possibilidade de uma tentativa de golpe, perante a provável derrota eleitoral de Bolsonaro. Mas enfrentamentos de grupos de ultradireita armados com greves de trabalhadores, manifestações de mulheres, LGBTs, e outras podem se tornar comuns no futuro. O que já existe hoje no campo, com jagunços do agronegócio assassinando lideranças camponesas, quilombolas, indígenas (como foi o ataque aos lanomâmis,) pode se transladar para os centros urbanos.

Isso, de certa maneira, já existe nos bairros populares com o genocídio da juventude negra feito pelas polícias, muitas vezes associadas às milícias. Vários desses setores policiais são hegemonizados por grupos de ultradireita.

POLARIZAÇÃO

A presença crescente da ultradireita é uma expressão da polarização da luta de classes, que vai tender a se agudizar nos próximos anos. Os



Chacina na Vila Cruzeiro, no RJ

elementos de barbárie, da fome e desemprego, aumentam pela aplicação dos planos neoliberais. Isso vai acabar provocando mais resistência dos trabalhadores e do povo pobre. Existem greves hoje como da CSN, Avibrás, Chery, funcionalismo público. E devem existir mais durante o ano. Mas afinal, tudo deve ser canalizado para as eleições de outubro.

Depois das eleições, muita coisa vai depender de quem será o vencedor. Mas, mesmo com a vitória de Lula, a realidade do capitalismo mundial impõe a continuidade dos planos neoliberais, sem a possibilidade dada pelo boom das commodities em 2003. Mesmo que haja uma confiança inicial no governo, é provável que surjam lutas, mobilizações. Não se pode excluir inclusive a possibilidade de explosões sociais.

A burguesia utiliza o aparato de Estado, com as Forças Armadas, as polícias e a justiça, para “manter a ordem” e reprimir as mobilizações. Mas pode se utilizar também desses grupos organizados e armados na base para isso. Um grupo armado pode dissolver uma assembleia ou uma passeata.

O fato é que a ultradireita se prepara ativa e publicamente, tanto para a possibilidade de um golpe, como para os enfrentamentos cotidianos com o movimento dos trabalhadores.

CONFIAR NAS INSTITUIÇÕES?

No entanto, o outro polo, o movimento de massas, não está preparado. E isso começa pela deseducação política sobre esse tema. A estratégia das correntes majoritárias, articuladas ao redor das direções do PT e PSOL, é eleitoral, por dentro das instituições da democracia burguesa. Tudo se orienta para as eleições de outubro e a confiança na justiça, no Congresso, nas FFAA. Nunca chamam a auto-organização do movimento, menos ainda sua autodefesa.

As instituições burguesas não merecem nenhuma confiança, nem para resistir a uma tentativa de golpe, menos ainda para defender as lutas dos trabalhadores.

A justiça, incluindo o Supremo Tribunal Federal (STF),

já demonstrou seu caráter de classe burguês e sua covardia perante à ultradireita, encobrindo crimes como o assassinato de Marielle Franco e as chacinas policiais nos bairros do Rio de Janeiro. O Congresso, dominado pelo centrão, pode se vender a quem der mais. As FFAA e as polícias, provavelmente, estarão divididas perante um golpe. Além disso, historicamente estão contra as lutas das massas.

Mesmo que haja resistência dessas instituições perante um golpe, serão parciais e limitadas. Podem ser vitoriosas, mas nada assegura isso. E, se esses grupos armados entram em cena contra setores desarmados, terão possibilidades maiores de êxito.

PREPARAÇÃO

A única possibilidade real de resistência é do movimento de massas. O povo nas ruas derrubou a ditadura no Brasil em 1984, na Argentina em 1982, na Bolívia em diversas vezes (a última derrotando o golpe de 2019), impediu o golpe imperialista na Venezuela em 2002.

Mas, para isso, é necessário que os trabalhadores se preparem. Tanto para a possibilidade de golpe, como para as lutas dos próximos anos. Exatamente como a ultradireita já está fazendo. Isso significa organizar a autodefesa dos trabalhadores.



Indígenas Ka'apor em Encontro de Governança e Autodefesa

RESPOSTA

A necessidade imperiosa da autodefesa

A dominação da burguesia tem uma parte ideológica e política, assegurada pelas instituições (governo, Congresso, partidos políticos), que asseguram o conformismo, a aceitação da dominação. Uma parte importante dessa dominação é, na democracia burguesa, a possibilidade de mudança dos governos repudiados pela população por outros nos quais existam expectativas, canalizando o desgaste e crise dos governos através das eleições, sempre controladas pelo grande capital.

A parte essencial e decisiva da dominação burguesa é pelas FFAA e as polícias que garantem, em última instância, a “ordem burguesa”, ou seja a exploração capitalista, pela força das armas, da repressão.

Nós defendemos as liberdades democráticas dentro das Forças Armadas e das polícias, para dificultar essa repressão. Reivindicamos o direito de organização sindical e de greve dos soldados e suboficiais, assim como o direito de eleger os oficiais e a desmilitarização da Polícia Militar. Evidentemente, enquanto houver capitalismo, as polícias estarão sempre a serviço da repressão do povo. Por isso, nosso programa é a construção de outro Estado e o fim de todos os órgãos de repressão contra o povo. Ao defender, frente à realidade atual, a desmilitarização

das PMs, uma polícia unificada onde haja direito de organização dos soldados e, ao mesmo tempo, controle da população, estamos tratando de dar passos no sentido do dismantelamento das forças repressivas.

Mas isso não existe hoje. A realidade é a dura repressão das massas pelo aparato repressivo do Estado.

O monopólio das armas pelo Estado burguês é parte fundamental dessa dominação, encarada como “normal” pela população, e defendida pela maioria dos partidos burgueses e reformistas.

A resultante é que a repressão policial muitas vezes consegue acabar com manifestações e greves. As polícias podem agir como tropas de ocupação nas comunidades, ferindo e matando a juventude negra.

Além disso, existem os grupos armados paraestatais da burguesia, como os jagunços no campo, que assassinam lideranças camponesas. Bolsonaro estimula o armamento, mas da burguesia e da alta classe média, para defender suas propriedades e sustentar seu golpismo.

Os trabalhadores, mesmo sendo maioria absoluta, aceitam sua dominação e exploração pelo controle ideológico e político. E, quando se rebelam, são reprimidos pelo aparato armado estatal e paraestatal dirigidos por uma minoria, a grande burguesia.

A luta contra essa situação começa pela política. Os trabalhadores têm todo o direito de se defender contra a violência da burguesia. Não é correto aceitar passivamente a repressão do Estado ou dos grupos armados da burguesia.

Isso nada tem a ver com a defesa da guerrilha, de grupos desligados do movimento de massas, que tentam substituir a ação das massas. A experiência de 2013 mostrou como alguns grupos de vanguarda, como os black blocs, com ações por fora das massas, só facilitam a repressão policial. Além disso, por vezes são infiltrados pela polícia.

Quando as massas entram em ação e assumem sua defesa, podem ser vitoriosas, acumulam consciência e organização. Isso ocorre, muitas vezes, como consequência das lutas diretas. Nas greves, se formam os piquetes, que servem para o convencimento dos que vacilam, e também para o uso da força contra os fura-greves. Os piquetes são exemplos de autodefesa das massas.

Na ocupação do Pinheirinho, localizada na cidade de São José dos Campos (SP), em 2012, a população organizou a resistência contra a invasão da polícia. A polícia ocupou o Pinheirinho, mas, mesmo assim, a população resistiu de forma heroica. O exemplo da resistência do Pinheirinho se



Resistência dos moradores na ocupação do Pinheirinho em São José dos Campos (SP)

tornou uma referência para outras ocupações.

No ascenso revolucionário no Chile, em 2019 e 2020, se organizou a “Primeira Linha”. Eram grupos de ativistas que defendiam os atos e passeatas contra a polícia e era parte direta do movimento, reivindicada pelas massas.

Vemos uma tendência da luta de classes se agudizar e polarizar. Os trabalhadores têm necessidade de se organizar para lutar contra a violência da burguesia, seja pela polícia, pelas milícias da direita, pelas Forças Armadas.

Por esse motivo, afirmamos a necessidade de começar desde já a organização para a autodefesa do movimento de massas. O enfrentamento com a possibilidade de golpe de Bolsonaro é só a expressão de uma necessidade mais profunda das massas.

Como dizíamos, isso começa por um debate político sobre essa necessidade, que deveria ser assumida publicamente pelos partidos e centrais sindicais majoritários do movimento, como PT, PSOL e CUT.

Isso significa montar equipes de autodefesa em todos os sindicatos, movimentos sociais (camponeses, ocupações de terras urbanas e rurais, quilombolas, contra a opressão de mulheres, LGBTs, contra o racismo), de juventude, associações de bairros. Formar equipes de autodefesa para treinamento em artes marciais e defesa nas manifestações, piquetes de greve, etc. Inclui preparar equipes de autodefesa também para as eleições, preparando a resposta em caso de golpe.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PMLZ78](https://bit.ly/3PMLZ78)

DIREITO DEMOCRÁTICO

A questão do direito ao armamento

Parte desse debate tem a ver com o direito ou não de armamento do povo. Isso inclui o processo coletivo, como estamos tratando acima, da autodefesa das massas, a partir de suas organizações de luta. E, inclui também, o direito individual de armamento.

Essa polêmica está aberta no movimento. E parte dela tem a ver com a defesa feita sistematicamente por Bolsonaro do armamento da burguesia. Tanto o PT, o PSOL, assim como a maioria dos partidos da bur-

guesia respondem a isso com uma postura pacifista, contrária ao armamento.

No entanto, essa posição só enfraquece o direito de defesa do movimento e da população contra a violência do Estado e dos grupos bolsonaristas de ultradireita. É um fato que, nos três primeiros anos do governo Bolsonaro (2019 a 2021), o registro de armas de fogo pela Polícia Federal mais do que triplicou em relação aos três anos anteriores (2016 a 2018). Os “clubes de tiro” da classe

média e da burguesia se multiplicam no país. As milícias bolsonaristas se armam de forma ostensiva.

Perante essa realidade, os pacifistas defendem o desarmamento. Não temos acordo com isso. Por que não assegurar o direito coletivo dos trabalhadores ao armamento? Por que o movimento não pode se defender da polícia, dos jagunços da burguesia e da ultradireita? Por que o povo não pode se defender nas comunidades pobres, tanto dos bandidos como da polícia?



Bolsonaro quer armar seus milicianos para enfrentar as mobilizações do povo trabalhador.

INFLAÇÃO

Privatização da Petrobras levou à ex

Por que, apesar de o Brasil ser grande produtor de petróleo, os combustíveis e o gás de cozinha estão aumentando tanto? Vamos desvendar o mistério por trás dessa alta no aumento dos preços, e ao mesmo tempo mostrar a falsidade das saídas apresentadas tanto por Bolsonaro quanto por Lula

**NAZARENO GODEIRO,
DE NATAL (RN)**

Como explicar o fato de o país ter uma das empresas petrolíferas mais rentáveis do mundo e os custos de produção mais baixos, e ter preços tão altos?

Duas notícias veiculadas na imprensa em maio confirmam o que vinham dizendo, há anos, os pesquisadores do Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese). Existe um novo pré-sal no Brasil, que vai do litoral do Amapá até o Rio Grande

do Norte e águas profundas de Sergipe-Alagoas, dotando o Brasil de uma das três maiores reservas de petróleo do mundo.

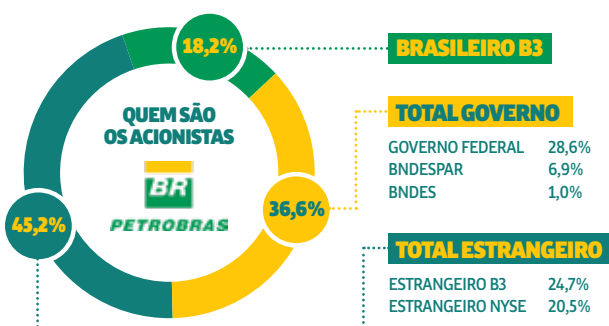
Por que o Brasil, que tem reservas de petróleo e custos de produção próximos aos da Arábia Saudita, vende seus combustíveis a preços cinco vezes mais altos? A resposta é que a Petrobras, à diferença da Saudi Aramco, foi privatizada em boa parte, vendida ao capital internacional, que abocanhou 63% das ações da empresa, junto com sua sócia minoritária, a burguesia “nacional”.

Ao adquirir a maioria do capital social da Petrobras, o capital internacional recebe superlucros ao produzir óleo com custo de 5 dólares o barril e vendê-lo a 98 dólares. Operação tão lucrativa que gera uma renda petroleira anual em torno de R\$ 440 bilhões, dinheiro suficiente para reindustrializar o país, gerar dezenas de milhões de empregos e baixar o preço dos derivados.

Para abocanhar a maior parte dessa renda petroleira, a Petrobras está vendendo o litro de gasolina com uma margem de lucro de 275%, e o litro de diesel com margem de 465%!

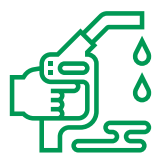
PETROBRAS TEM MAIOR LUCRO ENTRE GRANDES PETROLEIRAS			
ranking das empresas de petróleo ordenado pelas mais lucrativas em relação à receita			
petroleira/país	estatal	lucro/prejuízo (US\$ bilhões)	% do lucro sobre receita
CNOOC** China	sim	5,4	37,7
Petrobras Brasil	sim	8,6	31,6 maior lucro
ConocoPhillips EUA		5,8	29,9
Pemex México	sim	6,2	24,2
Equinor Noruega	sim	4,7	12,9
Chevron EUA		6,3	11,5
Eni* Itália		4,0	11,0
Shell Reino Unido e Holanda		7,1	8,4
TotalEnergies França		4,9	7,7
Repsol* Espanha		1,6	7,6
ExxonMobil EUA		5,5	6,1
PetroChina** China	sim	6,2	5,0
BP Reino Unido		-20,4	-39,8

*conversão usando câmbio médio de USD 1,122/EUR no trimestre
**conversão usando câmbio médio de RMB 6,346/USD no trimestre
fonte: relatórios do 1º trimestre de 2022



MENOS DE UM TERÇO

Qual seria o preço dos combustíveis e do gás se a Petrobras fosse 100% estatal?



Gasolina - Caso a Petrobras cobrasse uma margem de lucro de 30%, o litro de gasolina seria vendido no posto por R\$ 2,40. Poderia baixar mais, caso se reestatizasse a BR Distribuidora e se encampassem as três maiores empresas de distribuição e revenda de combustíveis

(Ultra, Raízen e Braskem). Sem os atravessadores, o litro da gasolina seria comercializado a R\$ 2,11.



Diesel - O litro do diesel poderia ser vendido no posto a R\$ 1,60, caso a Petrobras tivesse uma

margem de lucro de 30%. Sem os atravessadores, o litro de diesel poderia ser comercializado a R\$ 1,30.



Botijão de gás - A Petrobras tem uma margem de lucro de 123% na venda de um botijão de gás. Com um lucro de 30%, o preço bai-

xaria para R\$ 49,91. Caso reestatizasse a Liquigás e a União encampasse as outras quatro distribuidoras (Ultragaz, Supergasbrás, Nacional Gas e Copagaz), cairia o preço do botijão para R\$ 31,04. Esse é o preço justo, que poderia ser cobrado ao povo brasileiro, caso a Petrobras fosse 100% estatal e controlada pelos trabalhadores.

ENTREGA DO PAÍS

Privatização e desnacionalização da economia brasileira

O mesmo processo de desnacionalização ocorreu no setor de mineração e do agronegócio. O capital internacional migrou para lá, iniciando um processo de

abandono da indústria de transformação, com o fechamento de milhares de empresas industriais, como se expressou recentemente na pretensão da Chery em aban-

donar o Brasil e no pedido de recuperação judicial da Avibrás, que é o principal fabricante de material bélico pesado do Brasil.

Assim, processou-se

uma recolonização do Brasil, na forma de uma economia baseada nas exportações de produtos primários em detrimento do mercado interno brasileiro.

NOVO SETOR DA BURGUESIA ASSUME O PODER

Com o slogan “Agro é tech, agro é pop”, um novo setor da burguesia – agro/mineral/energia/bancos –

Explosão dos preços dos combustíveis

assumiu o comando da economia e da política no Brasil, associado ao capital internacional.

Este setor necessita de um “Bonaparte” para levar até o fim a destruição da natureza, para produzir soja e capim (enquanto minerado-

res e madeireiros abrem clareiras na floresta), e a destruição do emprego formal, uma nova forma de assalariamento, sem salário fixo, sem direitos, enfim, uma semiescravidão.

Visto deste ângulo, pode-se compreender o fenômeno

Bolsonaro, elevado ao poder de Estado para destruir a indústria de transformação do Brasil e as relações trabalhistas que predominaram no Brasil de 1940 até 1990.

Sua subserviência ao maior bilionário do planeta, Elon Musk, disposto a en-

tregar a Amazônia e a base de Alcântara aos cuidados de uma empresa privada, a SpaceX, é a demonstração mais evidente para qual setor da burguesia mundial está governando. No jantar com Musk estiveram representantes do agronegócio,

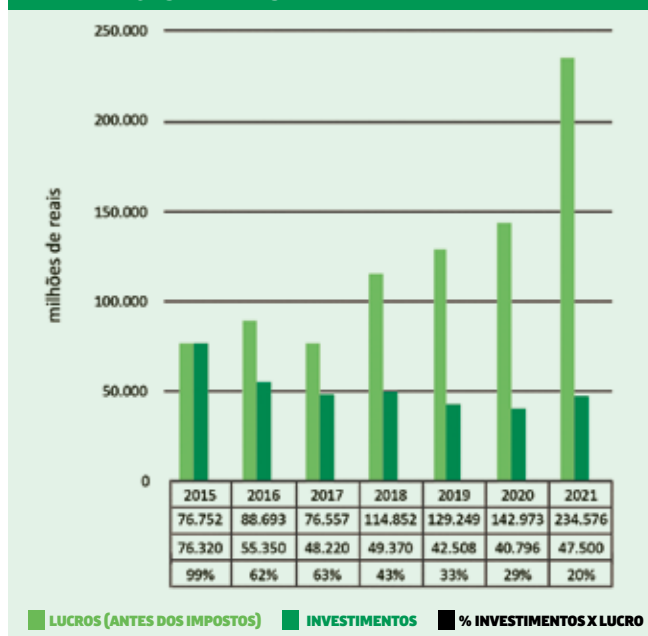
da mineração e dos bancos brasileiros.

Assim também se explica a extrema urgência de Bolsonaro em implantar uma ditadura militar no Brasil: essa é a única forma de transformar o Brasil numa reles colônia norte-americana.

RECOLONIZAÇÃO

Uma nova orientação: desinvestimento no Brasil e pilhagem colonial

LUCROS X INVESTIMENTOS DA PETROBRÁS 2015 A 2021 EM MILHÕES DE REAIS



Também está se revelando uma mudança na orientação do capital internacional e da burguesia “nacional” para o Brasil: de grandes investimentos na indústria automobilística entre 1945 e 1985 para um sistema colonial de extração de riquezas primárias, de pilhagem do país.

A demonstração desse fenômeno se expressa na Petrobras, em 2021: distribuiu 95% do lucro como dividendos aos acionistas, no valor de R\$ 101 bilhões, deixando apenas R\$ 5 bilhões para investir no pré-sal.

Este fenômeno gerou uma contradição na Pe-

trobras: quanto mais ela gera riquezas, menos investe em si mesma e no país, como fica evidente no gráfico.

Essa transformação regressiva do Brasil está derrubando o país no Sistema Mundial de Estados: de uma submetrópole industrial na América do Sul para uma semicolônia exportadora de commodities. É uma mudança profunda na estrutura produtiva do país que está se refletindo na mudança da composição burguesa dominante que, por sua vez, repercutirá no Estado capitalista brasileiro e no regime político.

PROGRAMA

Petrobras 100% estatal, sob controle dos trabalhadores

A classe trabalhadora não pode embarcar acriticamente em nenhuma candidatura presidencial. Ao contrário, deve elaborar um programa para a recuperação industrial do país, partindo da reestatização da Petrobras, sob controle dos trabalhadores, a anulação de todas as privatizações, a anulação das reformas previdenciária e trabalhista, para garantir terra, trabalho e soberania, em ruptura com o capitalismo e a dominação imperialista do Brasil.

FALSA ALTERNATIVA

O acordo com Alckmin expressa a capitulação de Lula à recolonização

Compreendendo essas transformações estruturais no país e nas classes sociais, pode-se entender a dubiedade do discurso de Lula e do PT diante da crise da Petrobras.

O PT fala em parar a privatização da empresa, mas nega a anulação das realizadas por Bolsonaro, mesmo diante do escândalo e ilegalidade destas privatizações. Basta notar que o BTGPactual, banco que Paulo Guedes fundou, é sócio da empresa

3R Petroleum, que comprou os campos terrestres e de águas rasas da Petrobras por uma miséria. Desde 2015, venderam-se partes importantes da Petrobras no valor de R\$ 243 bilhões.

Lula fala em “abrasileirar” os preços dos combustíveis, mas o PT segue defendendo que os preços continuem relacionados com o mercado internacional. A proposta do PT – o Projeto de Lei (PL) 1.472/2021, aprovado no Senado em 11 de março de 2022,

com apoio de Bolsonaro –, cria um “fundo moderador de preços” lastreado nos lucros pagos pela Petrobras ao Governo, para subsidiar os distribuidores privados.

Lula e o PT não defendem a anulação dos leilões do pré-sal, que vêm desde 2013 com Dilma e foram acelerados por Temer e Bolsonaro. Lula e o PT defendem o regime de partilha na exploração do pré-sal, modelo que entrega a maior parte do petróleo às empresas estrangeiras.

Devemos recordar que durante o primeiro mandato de Lula, Carlos Lessa, presidente do Banco Central, juntamente com Ildo Sauer, diretor da Petrobras na época, propôs a recompra de todas as ações da Petrobras negociadas na Bolsa de Nova York. A proposta foi recusada por Dilma, que era ministra de Minas e Energia.

Também é preciso recordar que a retomada do plano de privatização da Petrobras se deu em 2014, ainda no governo Dilma.

Portanto, se depender de Lula e do PT, não teremos a reestatização da Petrobras para retomar seu papel de indutora da recuperação industrial do Brasil.

O acordo com Alckmin, que representa um setor importante da burguesia brasileira, sinaliza uma capitulação do PT à recolonização do país, na sua nova forma de pilhagem colonial.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/38LMCSU](https://bit.ly/38LMCSU)

PENSAMENTO CONSERVADOR

Mas afinal, o que eles querem conservar?

GUSTAVO MACHADO,
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

Nos últimos anos, uma frase foi dita repetidas vezes por todos os aspirantes a ocupar um lugar de destaque na chamada nova direita no Brasil: “Sou liberal na economia e conservador nos valores.”

Esse discurso, não podemos negar, deu algum resultado. Vários grupos passaram a se designar conservadores. Outros tantos se apresentaram como defensores dos valores, da moral, da família, da igreja e da pátria. “Deus, Pátria e Família”, eis o lema de Bolsonaro. Mas o que significam precisamente essas palavras na prática desses movimentos conservadores? De onde veio o movimento conservador e qual é a sua finalidade?

Precisamos entrar mais a fundo nas origens e no desenvolvimento histórico do movimento conservador, para compreendermos melhor a serviço do quê e de quem esse movimento está.

A ORIGEM DO MOVIMENTO CONSERVADOR

Podemos encontrar, milênios atrás, autores conserva-

dores no sentido de que justificavam e defendiam a forma de sociedade em que viviam. Queriam conservar a situação existente. Mas eles não se organizavam de forma coletiva, não constituíam um movimento conservador. Esse movimento é bem mais recente na história. Um movimento conservador apenas passou a fazer sentido quando do outro lado do front se encontrava um movimento revolucionário. Acontece que o movimento revolucionário que fez surgir o conservadorismo enquanto movimento não era socialista, proletário ou comunista, mas liberal, burguês e capitalista. Estamos falando da Revolução Francesa.

Das revoluções burguesas e capitalistas, a Revolução Francesa foi uma das mais radicais. Colocou em xeque os privilégios de uma nobreza originada de grandes proprietários rurais e do alto clero católico. A nobreza e o clero constituíam cerca de 2% da população da França, não pagavam impostos e viviam

**O movimento conservador no Brasil é parte do bolsonarismo.**

de modo parasitário do Estado e das rendas de suas terras. Eles eram bancados por burgueses, proletários, camponeses, artesãos e todos os demais tipos sociais existentes. Esses últimos pagavam todos os impostos e trabalhavam para bancar esses 2% de parasitas privilegiados.

A Revolução Francesa, além de ter acabado com esses privilégios, repartiu a terra que pertencia por “direito e sangue” à nobreza e ao clero, separou completamente a Igreja do Estado, dentre várias outras me-

das revolucionárias. Em um processo recheado de idas e vindas, terminou nas guerras napoleônicas que ameaçaram a Europa inteira. Eis que surgiu um movimento conservador. Uma enorme reação uniu a nobreza, a igreja, reis e autocratas em toda a Europa.

Quando esse movimento evoca a palavra de ordem “defesa de Deus”, quer dizer com isso a estrutura institucional da Igreja que vivia à custa do Estado e nele intervia de maneira direta. Quando evoca “a defesa

da família”, quer dizer a manutenção dos privilégios de uma nobreza. Nobreza cuja luxuosa sobrevivência é garantida para toda sua descendência em função de um sobrenome passado de geração a geração. Daí se origina a expressão “pessoas de família”. São aquelas que possuem um sobrenome nobre que lhes garante a sobrevivência por direito, enquanto proprietários.

Mas por que luta o movimento conservador? Quais são seus objetivos? Em que concepções está embasado?

HERANÇAS DO PASSADO

A base cética do conservadorismo

Dois dos principais ideólogos do movimento conservador no século XIX foram Edmund Burke, na Inglaterra, e Joseph de Maistre, na França. De Maistre identifica toda a sua elaboração com a Igreja Católica sediada em Roma. Ela era, segundo ele, o bastião da tradição e da verdade acumulada ao longo dos séculos. Era dito ser mais papista que o Papa. Seu conservadorismo via no protestantismo uma grande ameaça. O outro lado da moeda do liberalismo. O protestantismo era veneno europeu moderno que acabou com a unidade da Igreja Católica e abriu o caminho para a Revolução Francesa. Como o protestantismo do-

**Joseph de Maistre, líder conservador da França.**

minava nos principais países europeus, seu pensamento teve um eco limitado. O principal expoente foi o inglês Edmund Burke.

A ideia mais geral por trás da concepção conservadora se assemelha muito à dos pós-modernos de hoje. O ceticismo. Isto é, não é possível conhecermos racionalmente a realidade tal como ela é. Não existe elaboração teórica que possa explicar racionalmente os acontecimentos do passado e do presente. Mas, diferentemente dos pós-modernos, os conservadores não apelam para uma batalha nas nuvens de desconstruções discursivas. É o contrário. Só existe algo de sólido que podemos nos basear: as tradições e o passado.

Os liberais eram racionalistas. Acreditavam na ordem natural do mercado capitalista, nas leis universais da

**Edmund Burke, líder conservador na Inglaterra.**

economia que devíamos tão somente seguir. A esse racionalismo, os conservadores opuseram a defesa das forças criadoras no curso da

história, manifesta nas instituições de todos os tipos. As melhorias e transformações seriam produto de uma evolução lenta e gradual. A humanidade aprenderia por tentativa e erro, durante séculos, firmemente assentada nas bases herdadas de sua história milenar.

A força motriz da história seria a continuidade: a conservação do que existe, do que foi herdado. Por isso, os conservadores não possuem um programa político definido. Organizam-se para reagir contra toda e qualquer ameaça revolucionária, contra toda e qualquer ameaça à continuidade e à conservação do que foi legado pelo passado. São eminentemente reacionários.

CONTRADIÇÃO

O conservadorismo refuta a si mesmo



Trump, ex-presidente dos EUA, tenta galgar o posto de líder dos conservadores no mundo.

A ideia conservadora, em um primeiro momento, parece fazer sentido. É impossível a sociedade recomeçar do zero em qualquer ponto de seu desenvolvimento. Recebemos das gerações passadas todo um conjunto de técnicas, infraestrutura, conhecimentos e concepções sem os

quais a sobrevivência seria impossível. Sem o que herdamos das comunidades humanas que nos antecederam não teríamos sequer linguagem, nem saberíamos como extrair os recursos da natureza que nos permitem sobreviver, quer seja por meio de um moderno computador,

quer seja por meio de ferramentas de pedra.

A questão, contudo, nunca foi essa. O que está em questão em um processo revolucionário não são a técnica e o conhecimento herdados do passado, mas a forma de organização social. A serviço de quem estará

a riqueza produzida a partir de tudo o que foi legado e aprendido das gerações passadas. Desde as revoluções burguesas, a sociedade passou por sucessivas e contínuas transformações nas relações sociais. A concepção conservadora foi refutada por aquilo que ela mais estima: a história e a passagem do tempo.

É assim que os conservadores de ontem – antiliberais e defensores da intervenção estatal na economia – passaram a ser, até certo ponto, liberais. Passaram a ser, também, nacionalistas: “a defesa da pátria”. Até a guerra entre Alemanha e França em 1870 e a Comuna de Paris que se seguiu, o nacionalismo era um aliado do liberalismo, da democracia burguesa.

As nações são algo muito recente na história. Até o desenvolvimento do capitalismo, os indivíduos não se reconheciam como pertencentes a uma nação. Ela está associada às necessidades do capitalismo em desenvolvimento. O capitalismo necessita, por um lado, acabar com a fragmentação dos feudos e das grandes propriedades controladas hereditariamente por uma família nobre. Por outro, contrapor-se ao universalismo da Igreja Católica. Até o final do século XIX, a palavra de ordem de “defesa da pátria” era associada à ala mais radical da Revolução Francesa: os jacobinos.

Eis que os nacionalismos inglês e alemão transformam-se cada vez mais em imperialismo: a dominação direta e indireta do mundo inteiro. A disputa pela maior fatia da riqueza produzida pela classe trabalhadora de outros países. A classe trabalhadora e operária começa a lutar por seus próprios interesses, de forma independente da burguesia capitalista. A defesa da nação converte-se em uma abstração para condenar toda e qualquer luta interna no interior de um único país. Encobrir as diferenças de classe e as opressões de todos os tipos em um conceito geral: a nação. A própria burguesia se converte em conservadora. Já havia feito as revoluções de que necessitava, ao menos para garantir mais e mais acumulação de capital. O nacionalismo se converte na palavra de ordem por excelência dos conservadores.

Quem quiser refutar a concepção conservadora, o melhor caminho é estudar a própria história do conservadorismo. Os conservadores mudam de discurso na mesma velocidade que trocam de roupa. Longe de estar baseada na continuidade pura e simples, a história é uma coleção de transformações sociais rápidas e profundas sob a base técnica conservada.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PGY0UG](https://bit.ly/3PGY0UG)

REVOLUÇÃO X CONSERVAÇÃO

Conservar os privilégios de uns poucos

Os conservadores, no entanto, carregam outra contradição fundamental. Segundo eles, todos os problemas que afligem a sociedade são por culpa dos revolucionários. Ao buscarem a transformação da sociedade, os revolucionários bagunçam a coisa toda, destroem os laços de continuidade que seriam a base mais sólida da sociedade. Mas por que existem revolucionários? Por que em cada país, em cada localidade e mesmo em cada empresa, de tempos em tempos, pessoas se organizam para lutar contra a situação dominante?

Se isso ocorre é porque as bases em que a sociedade se assenta não são tão sólidas como eles dizem. É porque a cada dia miséria, desemprego, inflação corroem a vida de todos. Ninguém gosta de revoluções. As pessoas preferem a estabilidade, a segurança, a tranquilidade. Se revoluções acontecem é porque a situação chega a tal ponto que não existe outra saída, não existe outra escolha.

No final das contas, os conservadores não estão a serviço de conservar as conquistas da



Oscar Maroni, dono de um prostíbulo em SP, em um protesto pró-Bolsonaro e pela família.

espécie humana em milênios. Eles estão a serviço de conservar os privilégios de uns poucos. Por isso, eles não têm nada a oferecer, exceto criar um vilão para colocar toda a culpa e formular meia dúzia de palavras de ordem vazias para defender, palavras que nada significam de concreto na vida de cada um. A revolução socialista é a única forma de não apenas conservar as conquistas do passado, mas de colocá-las a serviço daqueles que a cada dia mantêm e ampliam essas conquistas: os trabalhadores.

CHILE

Governo Boric decreta estado de emergência em territórios Mapuche



DA REDAÇÃO

Em outubro de 2019 a atriz chilena Susana Hidalgo capturou a imagem símbolo da gigantesca onda de protestos que varria seu país. Nela estão manifestantes com as bandeiras chilenas em meio a colunas de fumaça, mas no topo de uma estátua militar em Santiago, ondulando livremente, está a bandeira Mapuche, do povo originário que vive na região centro-sul do Chile.

A imagem também simboliza a histórica luta desse povo pela devolução de seu território usurpado. Uma luta que foi travada contra todos os governos chilenos, de Pinochet aos governos “democráticos”, e custou a vida de muitos de seus líderes, levou outros tantos às prisões, bem como a militarização de seu território.

Em dezembro último, Gabriel Boric foi eleito presidente com o apoio dos partidos da esquerda reformista chilena como Convergência Social e Partido Comunista. Sua vitória também foi celebrada pela esquerda reformista brasileira, como lideranças do PT e da direção majoritária do PSOL, que saudavam a chegada de “novos ventos” ao país. Só que não.

No último dia 16 de maio, o governo Boric decretou a instalação de um estado de exceção de emergência no território Mapuche, como resposta a uma onda de protestos realizada pelos indígenas. Na campanha eleitoral Boric havia prometido desmilitarizar o território Mapuche. Voltou atrás rápido. A medida permite a intervenção do Exército e a presença dos militares nessa região. “O estado de exceção tem como objetivo responder às grandes

empresas da indústria florestal [silvicultura], do grande empresariado agrícola e da burguesia do setor de transporte. Não tem o objetivo de terminar com a violência e a miséria que o Estado tem reduzido o povo Mapuche. O objetivo do governo é apenas isolar e perseguir os Mapuches que tentam recuperar seu território usurpado”, explica María Rivera, deputada do Movimiento Internacional de Trabajadores (MIT) da Convenção Constitucional do Chile.

Mas não é só isso, explica ela. Recentemente, Boric anunciou um suposto plano de “Bem Viver” para que os Mapuches possam adquirir terras por meio da compra delas. María explica que o dinheiro que o governo destinará para tanto assegura a compra de apenas 4 mil hectares. “Mas a própria Conadi [entidade indígena do país]



Imagem símbolo da onda de protestos que varreu o Chile em 2019.

disse que as terras reivindicadas pelos Mapuches somam mais de 270 mil hectares. Sabe quanto tempo demoraria a devolução das terras aos Mapuches nesse ritmo proposto pelo governo? Setenta anos! O que Boric está propondo não é nenhuma

solução ao povo Mapuche. Nós exigimos imediatamente um plano de expropriação das terras para a sua devolução aos Mapuches, e sem indenização às grandes empresas florestais ou grandes agricultores capitalistas”, explica María.

RECOLONIZAÇÃO

Comissão da Constituinte diz não à nacionalização do cobre e aprova privatização do gás e petróleo

Dentro da Constituinte se acirram os debates sobre a mineração do cobre chileno, a maior riqueza mineral do país há décadas nas mãos das grandes mineradoras internacionais. Recentemente, uma comissão da Constituinte aprovou a proposta de um novo artigo – o Artigo 27 – que amplia o saque aos recursos minerais do país. O mais curioso é que a mesma comissão havia aprovado antes uma proposta prevendo a nacionalização do cobre. Também voltou atrás, e bem rápido.

“[O artigo 27] não só propõe manter o cobre chileno nas mãos das transnacionais, como vai além. Abre as portas para a privatização do lítio, de todos os minerais e até do petróleo e do gás que até a ditadura de



Edu Gallardo, líder mineiro que defende a nacionalização da mineração.

Pinochet manteve sob monopólio estatal”, diz María Rivera.

“O que mais me impressiona é como uma comissão que começou por aprovar a nacionalização da grande mineração acaba propondo entregar todos os minerais e hidrocarbonetos ao setor privado? Como isso foi possível? Simplesmente mudaram de ideia? Ou eles sofreram pressão para continuar a entre-

gar o país? E de onde vêm essas pressões? Será das grandes mineradoras, que têm seus tentáculos em todas as instituições públicas e privadas? Será do governo, que já disse, através da sua porta-voz Camila Vallejo, do Partido Comunista, que a nacionalização do cobre não está no seu programa? Será da Nova Concertação [aliança do partido socialista com partidos de direita], que hoje forma

um bloco nesta Convenção para pôr entraves a todas as propostas que tocam os interesses dos privilegiados?”, questiona a deputada do MIS.

A proposta do MIS é a nacionalização das grandes empresas de lítio e de cobre, e o fim de todas as concessões ao setor privado. “Mas vou mais além, defendo que essas empresas sejam controladas pelos trabalhadores, com a participação das comunidades afetadas pela mineração, para discutir quais minas devem ser mantidas e quais devem ser fechadas. Para debater o que vamos fazer com os recursos gerados e como melhorar as condições de trabalho dos operários mineiros”, diz María.

Na sua opinião, a nacionalização com controle popular é uma medida de transição para outro sistema econômi-

co: “Acreditamos que seria uma medida muito importante, mas essa medida só fará sentido se avançarmos para um governo da classe trabalhadora e dos povos. É por isso que na Convenção Constitucional também propusemos a criação de uma Assembleia Plurinacional de Trabalhadores e Povos; e a nacionalização de todas as grandes empresas estratégicas e planejamento econômico. Com estas duas propostas [uma delas já rejeitada] seria possível avançar para uma sociedade diferente, para um governo dos trabalhadores e para um sistema econômico socialista, cuja prioridade é resolver os problemas sociais e ecológicos”, diz.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3WMVQCH](https://bit.ly/3WMVQCH)

CONTRA O FECHAMENTO

Metalúrgicos da Caoa Chery ocupam montadora e prometem intensificar luta por empregos

ANA CRISTINA,
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

A montadora Caoa Chery, em Jacareí (SP), está com a produção paralisada desde o dia 24 de março e quase vazia, pois praticamente todos os trabalhadores da empresa estão em licença-remunerada desde então. Mas, na terça-feira (24/5), centenas de operários/as voltaram à fábrica para realizar uma ocupação.

Por cerca de duas horas, os metalúrgicos/as ficaram dentro da montadora para protestar contra o desrespeito da direção da empresa e o impasse nas negociações.

No dia 5 de maio, a Caoa Chery anunciou que fechará a unidade na cidade, o que vai resultar em cerca de 500 demissões. Após mobilização dos metalúrgicos, que acamparam em frente à fábrica, e reunião com o sindicato, a direção da empresa aceitou uma proposta para suspensão das demissões com adoção de layoff e garantia de estabilidade até janeiro de 2023. O acordo, que consta em ata do dia 10 de maio, foi apresentado em assembleia e aprovado pelos trabalhadores. Contudo, três dias após a negociação, a

empresa retrocedeu e afirmou que não mais cumpriria o acordo. Desde então, sindicato e empresa voltaram a negociar, mas a cada reunião a empresa volta atrás e reduz a proposta.

“Os trabalhadores estão indignados com a forma irresponsável como a Caoa Chery está agindo. Não bastasse anunciar o fechamento da fábrica e a demissão em massa de quase 500 pais e mães de família, sem ter feito qualquer negociação prévia, a empresa está agindo de má-fé, voltando atrás em pontos que estavam evoluindo e rebaixando a proposta a cada reunião”, relatou o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Weller Gonçalves.



“Não vamos aceitar essa quebra de acordo. Essa empresa recebeu milhões do dinheiro público em isenções e incentivos fiscais e, além de não cumprir o que acorda, quer pagar um pacote rebaixado aos trabalhadores que preferirem optar por um PDV [plano de demissão voluntária]”, explicou ele.

Os trabalhadores rejeitaram a proposta patronal (indenização de sete a 15 salários aos demitidos,

sem benefícios e sem layoff) e reafirmaram que querem que a empresa cumpra o que foi acordado, ou seja, a proposta de cinco meses de layoff mais três meses de estabilidade. Também foi aprovada a proposta do Ministério Público do Trabalho, feita em audiência no dia 20, que estabelece 20 salários e extensão por 18 meses de todos os benefícios para quem aderir ao plano de indenização social.

PRESSÃO

“Se não negociar, a gente vai voltar”

Desde o anúncio do fechamento, o sindicato e os trabalhadores iniciaram um forte processo de luta, com acampamento na porta da fábrica, passeatas, ocupação da Câmara de Jacareí, cobrança dos governos e protestos em concessionárias da marca.

A ocupação por duas horas foi uma advertência. Ao encerrar a mobilização, os metalúrgicos/as saíram com um grito unânime: “se não negociar, a gente vai voltar”. Os trabalhadores aprovaram que se a negociação

não avançar, vai ter ocupação por tempo indeterminado.

“Faremos uma manifestação por dia. Vamos até outras montadoras votar, em assembleia, o apoio aos companheiros da Caoa Chery. A solidariedade de todo o movimento sindical, político e social do país é muito importante para impedir o fechamento da fábrica”, afirmou o presidente do sindicato, que é filiado à CSP-Conlutas.

Ao final da ocupação, um dos trabalhadores, que prefe-

riu não se identificar, avaliou a mobilização como positiva. “A Chery tá de sacanagem com o trabalhador. Vai e volta atrás no que diz. Os protestos são mais do que justos, até porque são mais de 500 trabalhadores que, de uma hora pra outra, vão ficar sem seu sustento. Sem falar que não são só os funcionários diretos, mas também terceiros, o impacto na cidade”, afirmou.

Outro metalúrgico se disse revoltado com o tratamento da empresa. “Ela ganhou muito di-

nheiro, isenção, e agora sequer uma proposta digna tem a decência de fazer para quem pre-

ferir pegar a indenização. Mas eu prefiro o layoff, aliás, prefiro meu emprego”, declarou.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3GLIDLt](https://bit.ly/3GLIDLt)

SAÍDA

Estatização e produção de carro nacional

A Caoa Chery alegou que pretende fechar a fábrica de Jacareí até 2025 para preparar a empresa para produzir carros elétricos. A produção no país ficará centralizada na unidade de Anápolis (GO), e o modelo Arrizo 6 Pro será importado da China, num retrocesso da

condição da indústria brasileira. Estudo do Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese) demonstra que a empresa poderia fazer a adaptação sem necessidade de paralisar a produção.

O fato é que essa situação na Caoa Chery, assim como de

outras empresas, como Ford, Toyota e LG, que recentemente também fecharam fábricas no Brasil, revela como as multinacionais não têm nenhum compromisso com os trabalhadores e como a economia brasileira está a serviço dessas grandes empresas estrangeiras, que se

beneficiam do dinheiro público, exploram nossa mão de obra, obtêm lucros recordes e depois fecham as portas para seguir lucrando de outras formas.

Os trabalhadores não podem ficar subordinados às estratégias de mercado das multinacionais. O PSTU está ao lado

dos operários/as da CaoaChery, juntamente com o sindicato, na luta em defesa dos empregos. Caso a empresa insista na decisão de fechamento, é preciso uma luta para exigir do governo federal que estatize a fábrica e que o Brasil passe a produzir carro nacional.

NÃO VAMOS ACEITAR!

Pela derrubada do veto de Bolsonaro às leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc II

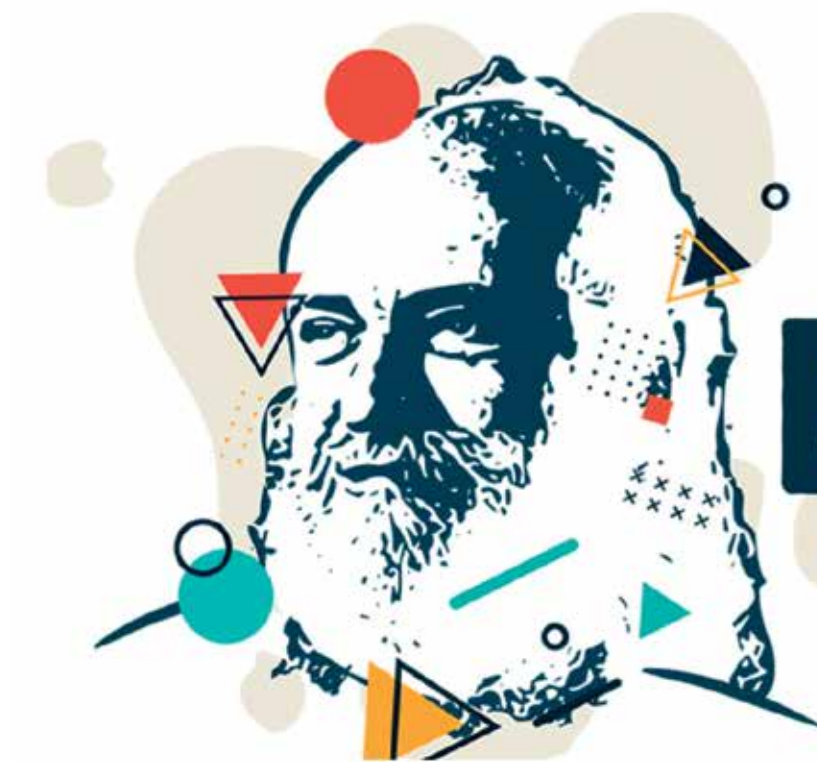
 **ROBERTO AGUIAR**
DE SALVADOR (BA)

O setor cultural foi um dos mais afetados pela pandemia, ao mesmo tempo que foi o que nos trouxe um alento em meio ao caos. A cultura foi fundamental para suportarmos a reclusão imposta pela covid-19. Mas tudo o que faz bem vira alvo do presidente Bolsonaro (PL), inimigo declarado da cultura.

O presidente genocida vetou por completo dois projetos de lei aprovados no Congresso Nacional em prol da cultura: as leis Paulo Gustavo e a Aldir Blanc II.

A Lei Paulo Gustavo visa repassar para estados e municípios R\$ 3,86 bilhões do Fundo Nacional de Cultura (FNC) para ajudar o setor cultural a se recuperar dos impactos da crise causada pela pandemia. O projeto foi batizado com o nome do ator, que morreu em maio do ano passado, vítima da doença.

Já a Lei Aldir Blanc II seria a continuidade da Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural aprovada em 2020, que segue sendo aplicada até os dias atuais. Foram destinados R\$ 3 bilhões, oriundos do FNC, enviado de forma descentralizada e dividido na proporção de 50% para os estados e o Distrito Federal e 50% diretamente para os municípios. A lei homenageia o músico Aldir Blanc, um dos primeiros artistas mortos em razão da covid-19.



Lei Aldir Blanc

de Emergência Cultural

A Aldir Blanc II prevê o investimento de R\$ 3 bilhões anuais até 2027 para o setor cultural, no mesmo formato anterior de transferência de recursos federais para estados e municípios financiarem iniciativas da área. Oitenta por cento dos recursos irão para editais, chamadas públicas, cursos, produções, atividades artísticas que possam ser transmitidas pela internet e ainda para manter espaços culturais que desenvolvam iniciativas de forma regular e permanente. Já os 20% restantes serão destinados a ações de incentivo direto a programas e projetos que tenham por objetivo democratizar o acesso à cultura

e levar produções a periferias, áreas rurais e regiões de povos tradicionais.

“A Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural foi uma conquista do setor cultural, após muita luta e embate contra o governo federal, que não apresentou nenhuma política pública voltada à cultura em um momento no qual as restrições de circulação impediam a maioria das exposições e espetáculos. Desde o início do seu governo, Bolsonaro impôs um conjunto de ataques à área cultural”, pontua Jorge Breogan, militante do PSTU e ativista cultural membro do Coletivo de Artistas Socialistas (CAS).

No início do governo Bolsonaro, o Ministério da Cultura foi extinto e transformado em Secretaria Especial de Cultura, órgão que viveu um grande período de instabilidade, com alta rotatividade de seus gestores, e seguiu toda a gestão de Bolsonaro sem um plano nacional de políticas culturais. A tudo isso, somaram-se os cortes no orçamento e o contingenciamento dos recursos do FNC, o que impede a aplicação de políticas culturais de fomento.

DERRUBAR OS VETOS

Existe hoje uma campanha nacional pela derrubada dos vetos de Bolsonaro às leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc II. O PSTU é parte dessa luta. Nossos militantes, que atuam no Coletivo de Artistas Socialistas (CAS), filiado à CSP-Conlutas, estão, em unidade com outros coletivos e movimentos, na luta em defesa das duas leis.

“As duas leis garantirão não só o socorro emergencial a um setor fortemente afetado pela pandemia, como também um financiamento permanente e descentralizado à cultura a partir de 2023. A pressão sobre os parlamentares precisa aumentar, exigindo que derrubem os vetos de Bolsonaro. É uma luta unitária em defesa da cultura brasileira”, ressalta Jorge Breogan.

“São vetos absurdos, que buscam restringir ao povo brasileiro o acesso à cultura de forma livre, diversa, plural e democrática. É mais uma afronta ao setor cultural, como parte da política de descompromisso do governo Bolsonaro com a cultura brasileira. Seu objetivo é silenciar artistas e fazedores de cultura”, completa.

Bolsonaro vetou as duas leis com a justificativa de que os projetos contrariam o interesse público por criarem uma despesa sujeita ao limite do teto de gastos. O governo alega que os projetos não apresentam “compensação na forma de redução de despesa, o que dificultaria o cumprimento do referido limite”.

Mas isso não passa de mais uma mentira de Bolsonaro. Os projetos não aumentam despesas, buscam destravar parte dos recursos do FNC e do Fundo Setorial do Audiovisual, fundos públicos voltados para o fomento do setor cultural.

Uma parcela do dinheiro desses dois fundos públicos fica represada por causa da Lei de Responsabilidade Fiscal (superávit financeiro), que obriga a União a cumprir metas que limitam o déficit. Ou seja, o dinheiro está lá, mas grande parte dele não é destinada a políticas culturais. O pouco de recurso que tem não é aplicado, pois será usado para cumprir metas de pagamento de juros e amortizações da dívida pública, ou seja, vai para o bolso dos banqueiros, os verdadeiros amigos e aliados de Bolsonaro.



Paulo Gustavo, vítima da covid no ano passado, inspirou lei em prol da cultura vetada por Bolsonaro.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Z0M6E2](https://bit.ly/3Z0M6E2)

ELEIÇÕES 2022

Altino e Flávia são lançados a pré-candidatos a governador e vice em São Paulo

DEYVIS BARROS,
DE SÃO PAULO (SP)

Em um evento que contou com mais de 400 ativistas do movimento sindical, popular, estudantes, professores e dirigentes de organizações partidárias que compõem o Polo Socialista e Revolucionário, Altino e Flávia foram lançados como pré-candidatos a governador e vice do Estado de São Paulo. Vera, pré-candidata à Presidência da República pelo PSTU e pelo Polo Socialista e Revolucionário, esteve presente na atividade, que ocorreu no último sábado (21/5), no Sindicato dos Metroviários.

O ato foi muito representativo e contou com intervenções de ativistas do movimento operário, camponês, estudantil, dos funcionários públicos e do movimento popular. O conjunto das intervenções destacou a importância de se enfrentar em primeiro lugar a ultradireita bolsonarista e a candidatura

do PSDB que governa São Paulo há três décadas e é responsável pela pobreza crescente no Estado mais rico do país. Também debateu a necessidade de se enfrentarem as alternativas de conciliação de classes encabeçadas pelo PT, mas nas quais PCdoB e PSOL entraram de malas e bagagem.

Foi destaque no ato a presença de colunas de várias ocupações urbanas de cidades paulistas e também representantes de importantes lutas operárias que estão acontecendo no país, como a resistência dos trabalhadores da Caca Chery e da Avibrás em São Paulo e da CSN no Rio de Janeiro.

UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

O clima no ato era de alegria entre os lutadores por apresentar nestas eleições um projeto de independência de classe, construído de forma coletiva pelo Polo Socialista e Revolucionário.

A professora Flávia, pré-candidata a vice-governado-



O metroviário Altino e a professora Flávia em SP

ra, abriu o ato pontuando que em “São Paulo, apesar de ser o Estado mais rico do país, os problemas sociais que enfrentamos são os mesmos da nossa classe no resto do país e em outros países do mundo”.

Vera, pré-candidata à Presidência da República, destacou a importância de se enfrentar Bolsonaro e suas ameaças golpistas e denunciou aqueles que utilizam essa tarefa como justificativa para se aliar a banqueiros e grandes empresários.

“Nós temos independência de classe, por isso, vamos tirar dos 315 bilionários para resolver o problema dos desempregados e

daqueles que não têm onde morar. Nós não vamos pagar a dívida pública pra, com esse dinheiro, investir em saúde, educação, transporte, saneamento básico e construir creches. Essas tarefas não se fazem abraçados com a burguesia, como estão o PT, o PCdoB e o PSOL”, ressaltou Vera.

Já Altino, pré-candidato ao Governo de São Paulo, encerrou as intervenções denunciando o enriquecimento dos grandes bilionários durante a pandemia, enquanto milhões entraram na extrema pobreza. Na sua visão, esse é o retrato de São Paulo, do Brasil e do sistema capitalista como um todo.

Ele afirmou que a sua pré-candidatura, em parceria com a professora Flávia, “representa a luta dos de baixo contra os de cima, é uma pré-candidatura para fortalecer a luta para a construção de outra sociedade em que nós não precisemos estar lutando por coisas básicas, como salário, moradia ou vagas nos hospitais”.

O ato se encerrou com o plenário cantando com toda força que “a nossa luta é sem patrão, tô com Altino pra fazer revolução” e com uma saudação à resistência do povo ucraniano contra a agressão de Putin.

ESPIRITO SANTO

PSTU e Polo Socialista e Revolucionário oficializam pré-candidaturas ao governo e ao Senado

No último dia 14 de maio, o PSTU e o Polo Socialista e Revolucionário realizaram, em Vitória (ES), o ato de lançamento das pré-candidaturas de Vinicius Sousa a governador e Filipe Skiter ao Senado. O evento contou com a presença de Vera,

pré-candidata à Presidência da República.

Vinicius Sousa é capitão da Polícia Militar, militante do movimento Policiais Antifascismo e da Revolução Brasileira (Corrente do PSOL). Ele tem sofrido perseguições pelo governo Casagrande (PSB) por

ter participado de manifestações pelo “Fora Bolsonaro”.

Filipe Skiter é técnico-administrativo em educação na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), dirigente da CSP-Conlutas, membro do Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe e presidente estadual do PSTU.

NA WEB



Site da Vera será lançado nesta sexta, dia 27

O site da Vera, pré-candidata à Presidência da República pelo PSTU e pelo Polo Socialista e Revolucionário, entra no ar nesta sexta-feira, dia 27/5.

Para acessar, basta digitar:
www.vera.pstu.org.br

AGENDA

Acompanhe o calendário de lançamentos nos estados

- **Dia 25/5:** pré-candidatura de Elinos Sabino ao Governo de Sergipe;
- **Dia 27/5:** pré-candidatura de Cláudia Ribeiro ao Governo de Pernambuco;
- **Dia 28/5:** pré-candidatura de Vanessa Portugal ao Governo de Minas Gerais;
- **Dia 4/6:** pré-candidatura de Rejane Oliveira ao Governo do Rio Grande do Sul;
- **Dia 4/6:** pré-candidatura de Cyro Garcia ao Governo do Rio de Janeiro;
- **Dia 16/6:** pré-candidatura de Cleber Rabelo ao Governo do Pará;
- **Dia 17/6:** pré-candidatura de Hertz Dias ao Governo do Maranhão.

Foto: Tácio Chinato.

PARTIDO

Opinião Socialista volta aos piquetes em fábricas e obras da construção civil

O Opinião Socialista voltou a ser impresso, depois de dois anos sendo distribuído por meios digitais, devido a pandemia da covid-19. O retorno da versão impressa não poderia ser de outra forma. Logo o jornal foi à porta das fábricas e adentrou obras da construção civil para levar o nosso conteúdo, ideias e opiniões aos operários.

Em poucos dias o Opinião Socialista estará completando 26 anos de existência, sua primeira edição apareceu em junho de 1996. De lá pra cá, ele segue sendo um instrumento a serviço da educação da classe trabalhadora brasileira na independência de classe, no internacionalismo proletário e na necessidade da construção de uma alternativa socialista para o nosso país.

Mas se você quer ler o jornal pela versão digital é fácil. Basta você enviar uma mensagem para o número (11) 94101-1917. O Jornal também poder ser lido no site do PSTU. Entra lá e confira!



Piquete com o Opinião Socialista em fábrica na Zona Sul da cidade de São Paulo (SP)



Operários da construção civil de Fortaleza (CE) realizam grupo de estudos com o Opinião Socialista



Apresentação do Opinião Socialista a operários na cidade de São João del Rei (MG)

PROJETO MAD MAX

Projeto de militares é ficar no poder até 2035 e privatizar o SUS

Rercentemente vazou um documento elaborado por militares com propostas até 2035. Entre as proppostas está a privatização do Sistema Único de Saúde (SUS) e a cobran-

ça de mensalidades nas universidades públicas

O documento é assinado pelos institutos Villas Bôas, Sagres e Federalistae4 se chama 'Projeto de Nação, O Brasil

em 2035'. A ideia dos militares é que, em um eventual segundo mandato de Jair Bolsonaro (PL) na presidência da República - ou a eleição de outro político de extrema direita -, a partir de 2025, o governo passe a adotar essas propostas.

O argumento do documento elaborado pelos militares é, segundo eles, o de "entregar um Brasil melhor aos nossos filhos e netos". O projeto foi coordenado pelo general Luiz Eduardo Rocha Paiva, ex-presidente do grupo Terrorismo Nunca Mais (Ternuma), a ONG do coronel e torturador condenado por crimes na di-

tadura militar Carlos Alberto Brilhante Ustra.

Em resumo, a ideia dos militares, categoria mais privilegiada desde janeiro de 2019, inclusive com acréscimo de mais de R\$ 350 mil nos rendimentos, é manter Bolsonaro no poder nos próximos 13 anos ou eleger outro presidente de extrema direita para tirar do papel as ideias perversas que elaboraram.

Além de cobrar pelo atendimento no SUS e pela universidade pública, o texto dos militares sugere que, a partir de 2025, "o Poder Público passe a cobrar indenizações pelos serviços prestados, exclusiva-

mente das pessoas cuja renda familiar for maior do que três salários mínimos". O mínimo hoje é de R\$ 1.212, se a medida estivesse em vigor, quem ganha um pouco a mais de R\$ 3.636 já pagaria as tais indenizações propostas pelos militares.

Como se vê, além de boquinhass e cargos no poder, de aumentarem seus privilégios e até mesmo conseguirem alguma sociedade na garipagem na Amazônia (há suspeitas de Mourão e outros militares estão se associando a projetos de mineração na região), os militares querem

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3GRW0H9](https://bit.ly/3GRW0H9)

